

O ROMEIRO

Movimento de Romeiros de São Miguel

www.mromeirosm.pt



JULHO 2017

11 Reunião do Grupo Coordenador

15 Festa de Nossa Senhora do Carmo
16

19 50º Aniversário da criação do Conselho Presbiteral na Diocese de Angra (1967)



“Seja bendita e louvada a sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo!”

Confesso que ao receber o convite para escrever algo para esta publicação, parei e pensei: o que irei escrever que ainda não foi dito? Decidi descrever-vos o meu primeiro contacto com os romeiros e as romarias quaresmais de uma forma muito direta e pessoal.

“Seja bendita e louvada a sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo!” Foi a primeira frase que ouvi na primeira reunião de romeiros que alguma vez assisti. Todos os que estavam à minha volta responderam com algo do género: “Seja para sempre...” - blá blá blá qualquer coisa que eu não percebi nem sabia... - “...Maria Santíssima.” E logo aí rasgou-se-me o pensamento com esta gente é religiosa fanática. Eu nem um terço inteiro sei rezar.

A reunião decorria na JOC – Pequena área anexa à Igreja de São José antigamente usada pela Juventude Operária Católica. Estava à minha frente em pé, por trás de uma frágil e antiga mesa de madeira ligeiramente comida pelo tempo, o Irmão Mestre Amílcar Vahia, apresentando à volta de 60 anos, um homem de cabelo branco, muito magro agasalhado com um bruto sobretudo cinzento. Homem muito humilde, simples, mas douto, com palavras que lhe escorriam do coração diretamente para a alma de quem as ouvia. Recordo-me de ter ficado rapidamente com a certeza de que este senhor tinha uma fé inabalável. Falava como um padre. Indubitavelmente era aquele tipo de homem que quando se troca dois dedos de conversa ficamos sempre com a impressão que sabe mais do que diz... engraçado como a vida não nos é explicada e tudo é um mistério que se vai desvendando, pois mal sabia eu que havia encontrado o meu companheiro de estrada para oito anos de romaria e um dos meus mentores nas romarias.

O momento que para mim é impossível apagar da memória é quando o meu pai, alheio ao facto de que eu queria ingressar na romaria quaresmal pois nunca lhe havia sequer falado desta minha vontade - um pouco por vergonha, se calhar -, vê-me à chegada da reunião e me pergunta: “O que fazes aqui?”. Pergunta à qual nem sabia bem responder e fi-lo como a maior parte das pessoas que vão pela primeira vez numa romaria: “vim experimentar isso.”

As reuniões bissemanais continuaram entre ensaios de cânticos litúrgicos, ensaios de orações, reflexões teológicas e momentos de partilha. Pouco a pouco aquilo que anteriormente para mim era um grupo de homens na estrada a cantar a “Ave-maria”, começou a assumir um conceito de organização espiritual, de entrega aos elementos unidos por um espírito de sacrifício. Por incrível que parecia havia quase uma sensação épico-romântica de uma demanda grega que vinha a ser intensificada pelas estórias que ouvia e que eram partilhadas pelos “irmãos” nos intervalos enquanto fumavam um cigarro entre gargalhadas.

Senti que havia uma união, algo que os deixava a todos no mesmo patamar emocional, algo que eu não partilhava e que me fazia sentir excluído porque não havia estado envolvido, porque não tinha aquela experiência. Esta união é forjada na estrada ao relento, esta irmandade nasce do pó

que se entranha na cara e nas unhas, esta fraternidade é despoletada pela lágrima que é amparada no ombro do irmão que está ao lado, algo que por mais reuniões que tenhamos sentados confortavelmente num espaço fechado, quente com a noção de que no máximo uma hora depois estaremos na nossa casa, no conforto do nosso espaço, protegidos de tudo é impossível de adquirir.

Devorava descrições de chuva abismal que chegava aos joelhos, atravessar ribeiras que estavam inundadas, momentos de limiar físico e espiritual que levavam a ponderar a continuidade na romaria, risos que abafam a tristeza da promessa que os levou a estar ali, oração que abafa o silêncio das dores e sem dúvida sorrisos que camuflam lágrimas desauridas. Havia sem dúvida um rastilho de fascínio de aventura que me cativou, deixou-me um brilho nos olhos que curiosamente vejo reportado todos os anos especialmente em jovens que irão fazer também a sua primeira romaria.

Eis que, surge o dia da minha partida na romaria e claro não fazia a mínima ideia do que viria pela frente, pois por mais que digam: “é assim, é assado...” A realidade é que no fim do dia ninguém sabe. A incógnita da primeira vez.

A partida estava marcada para a madrugada de sábado, o encontro seria na Igreja de São José pelas quatro horas da manhã. Os meus pais viviam perto do Coliseu Micaelense e fui apetrechar-me lá, vesti um fato de treino preto, calcei umas sapatilhas compradas especificamente para o efeito. Puxei a cevadeira para os ombros pensando que estava a albardar um burro e por breves instantes pensei que seria mesmo burro por estar a fazer isto.

O meu pai desceu as escadas já vestido na sua prontidão e ansiedade habitual nestas ocasiões, pegou no xaile preto que descansava nas costas de uma cadeira e atirou-o ao ar como se estivesse a estender um lençol e pôs-o nos meus ombros quase como que dando a sua bênção e de uma forma muito à sua maneira tímida e camuflada mostrando algum orgulho.

De seguida veio a minha mãe ajudar-me a colocar o lenço à volta do pescoço, prendendo-o no meu peito com um alfinete-de-ama tal como o meu pai usava. Todo esticadinho e direitinho. Peguei em quatro terços que tinha deitado em cima da mesa da sala de jantar e passei-os pelo pescoço como se fossem colares. Peguei no bordão que o meu pai havia mandado fazer para mim e saímos porta fora a pé em direção à igreja.

Caminhávamos em passo rápido, não fosse o meu pai à frente na sua determinação que também lhe era habitual. Íamos em silêncio apenas acompanhados pelo tilintar dos crucifixos dos terços que pendurados ao pescoço batiam uns nos outros ameaçando interlaçarem-se.

Ao dobrar a esquina da Rua de Lisboa para a Avenida Roberto Ivens passamos em frente ao Coliseu Micaelense e consequentemente de uma discoteca que era um dos locais para se ir em Ponta Delgada no ano de 2004. Um

grupo enorme estendia-se no exterior em galhofa e risos, copos e cigarros nas mãos. Pararam todos a olhar para mim e para o meu pai. Estagnaram, foi como se o mundo parasse e apenas nós estivéssemos em movimento. O silêncio foi ensurdecedor e proporcionou-me o primeiro contacto com a estranheza com que as pessoas veem os romeiros e toda a sua cultura e sim, reconheci-me a mim próprio quando antes olhava para estes homens tentando compreender aquilo que me passava à frente. Apesar de caminhar cabisbaixo não me contive e ao levantar a cara vi na face de um dos indivíduos que ali se quedava literalmente uma expressão de como se estivesse a ver extraterrestres e assim me fez sentir, um extraterrestre... é incrível o que um olhar carrega, mas também é incrível o que nós optamos por nos deixar sentir face a algum julgamento por outra pessoa.

Cinco minutos mais tarde à porta da igreja de São José e deparei-me com olhares completamente antagónicos àqueles que trazia na memória recente. Estes, desta feita, eram autênticos raios de alegria, calor humano transmitido visualmente, todos se abraçavam em festa e eu... Eu sorria e aceitava esta alegria mesmo não a compreendendo. Um após o outro, chegavam mais romeiros, caras que me habituei a ver nas reuniões agora embrulhadas em xailes e lenços com terços pendurados ao pescoço. Famílias inteiras que chegavam desde o mais novo até ao mais idoso, filhos, irmãos, pais, avós, todos vieram para se despedir dos seus entes queridos.

Nesta altura alguém corpulento chega-me por trás e abraça-me e fica-me o registo da voz altiva dizendo: “Bom dia irmão!” Neste momento entrega-me um terço feito de contos de milho, algo que é tradicional, chamado o “terço dos romeiros” e diz: “fiz este para ti, é para te ajudar no teu Louvor”. Este irmão em questão era o “procurador das almas” do rancho, um amigo da minha família desde que me lembro de ser gente, um “primo”, mas ali naquele contexto era um veterano com mais de trinta romarias já feitas. Agradei-lhe a atenção e perguntei-lhe: “O que estou aqui a fazer Paulo?” Ao que respondeu que esta resposta seria dada durante esta semana para a qual me predispõe a fazer. A par do irmão Amílcar este irmão será uma das pessoas mais influentes na minha vida de romeiro. Muitas vezes nos anos que se seguirão seremos os três que fecham o rancho na sua traseira.

A campanha tocou... olhei em direção ao som e vi o irmão Mestre Amílcar. Formamos o rancho e seguimos a cantar para o interior da igreja onde nos ajoelhamos e oramos. Logo de seguida a eucaristia começou e assim começou oficialmente a minha primeira romaria.

“Seja para sempre louvado com Sua e Nossa Mãe Maria Santíssima!” - Já sabia responder à salva... serei também já um religioso fanático? Um louco? Um extraterrestre?

Luís H. Bettencourt Reis
Ir. Mestre Romeiros São José